

Lutas nas quais estava escrito ‘Que os ricos paguem a conta’, ‘Passe Livre: os ricos vão pagar’ passaram pelo Photoshop e não ilustraram nenhuma reportagem da grande mídia e tão pouco foram consideradas por empresários e comentaristas econômicos”, afirmou o pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Cattani lembra ainda que, no auge dos protestos de junho de 2013, o líder do PT no Congresso, o deputado José Guimarães (CE), relançou a proposta do imposto sobre as grandes fortunas. No entanto, a reação do meio empresarial, expressa em diversos veículos da mídia, foi desacreditar o projeto, vinculando-o à corrupção no governo.

Para Cattani, o destaque dado pelo grande mídia ao “impostômetro”, criado pela Associação Comercial de São Paulo, é outro sintoma do poder das elites brasileiras de disseminar conteúdos e defender seu ponto de vista. Entretanto, poucos conhecem o “sonegômetro”, criado pelo Sindicato Nacional dos Procuradores da Fazenda Nacional (Sinprofaz). Em entrevista para o jornal *Folha de S. Paulo*, em agosto deste ano, o presidente da Sinprofaz, Heráclio Camargo, afirmou que a sonegação de impostos deve alcançar os R\$ 500 bilhões esse ano. “Se os grandes contribuintes (pessoa física e jurídica) pagassem corretamente seus impostos, a carga tributária poderia cair significativamente, o que representaria um passo importante na direção da justiça social”, finaliza David Cattani.

Patrícia Mariuzzo

LITERATURA

CIENTIFICISMO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

A obsessão pela ciência permeia várias personagens da obra machadiana, segundo constatou Mariella Augusta, doutora em literatura portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora dos contos de Machado de Assis (1839-1908) em seu mestrado. “Há muitos trechos nos quais Machado faz uma sátira do positivismo. Muitas personagens são obcecadas pela ciência – e elas são doentes”, explica.

Essa característica, encontrada no conto-novela *O alienista*, permeia também seus romances e contos menos conhecidos, a exemplo do *Ideias do canário*, no qual o escritor põe em cheque a “verdade”, no sentido filosófico, difundida pela ciência: “o protagonista [um ornitologista], ao encontrar um canário que fala, começa a estudar todos os pássaros. Ele quer do canário uma resposta sobre o que é a vida – e o canário debocha do estudioso. Machado de Assis é cético no sentido de não admitir uma única verdade, como quer a ciência positivista”, compara.

Em 2010, dois anos após o centenário da morte do escritor, a historiadora Daniela Magalhães da Silveira publicou sua tese de doutorado “Fábrica de contos: ciência e literatura” em Machado de Assis, defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde investigou o



Reprodução

Além dos contos, Machado de Assis faz crítica ao positivismo em romances como *Quincas Borba* e *Memórias póstumas de Brás Cubá*, onde aparece o humanismo – filosofia segunda a qual é a lei dos mais fortes que impera: “Ao vencedor, as batatas!”

processo de escrita de seus contos e como eles dialogavam com os principais debates científicos e filosóficos da segunda metade do século XIX.

Ao analisar duas coletâneas de contos, publicados originalmente na imprensa entre 1875 e 1884, a autora observa que, por meio de sua narrativa, o escritor criticava as “verdades” científicas da época: “Machado explorou o arcabouço que estruturava a fala dos principais homens envolvidos em pensar o futuro do país naquele momento. A linguagem científica servia para justificar medidas políticas e invalidar qualquer outra opinião que não coubesse naquele padrão de pensamento”, defende Daniela em sua tese.

Foi no Iluminismo (século XVIII) que pensadores europeus passaram a utilizar o modelo de estudar as ciências naturais – e suas leis – para

O ALIENISTA



Em *O alienista*, para o personagem Dr. Simão Bacamarte “a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão de meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus”

analisar a sociedade, com o intuito, num primeiro momento, de enterar o obscurantismo da igreja. Mas foi apenas no século seguinte que o positivismo fincou suas raízes na forma de ver e compreender a realidade por meio de pensadores como o francês Auguste Comte (1798-1857) e o inglês Herbert Spencer (1820-1903), para quem a ciência seria a responsável pelo progresso que, com o advento do capitalismo e da incipiente tecnologia, aflorava para a humanidade.

Essas novas ideias desembarcaram no Brasil por volta de 1870 e, de acordo com Daniela, ganharam espaço em periódicos da época. Na *Revista Brasileira*, por exemplo – publicação carioca onde foi publicado, em folhetim, o romance machadiano *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1880 –, além de artigos sobre lite-

ratura, outra temática comum dizia respeito a questões relacionadas ao conhecimento científico e a autores como Spencer, Comte e Darwin.

O alienista foi publicado no jornal carioca *A Estação* em 1881 e, no ano seguinte, foi inserido por Machado de Assis na coletânea de contos *Papéis avulsos*, junto com mais 11 contos – e todos eles faziam crítica ao cientificismo da época. Para Mariella Augusta, Machado de Assis tinha uma visão trágica do mundo, o que inclui a ciência. “Em *O alienista*, todo o conto é escrito em função da relação de um homem com a ciência e da relação da ciência com ela mesma. Achar que a ciência responde a todas as perguntas, ou que ela é a grande demolidora dos valores não científicos, é mentira para Machado – e é isso que ele satiriza”, analisa.

Além da crítica ao cientificismo feita por meio de ironia e da caracterização de personagens, a historiadora Daniela Silveira ressalta que o escritor explorava a própria forma narrativa para mostrar personagens que detinham conhecimento em contraposição a interlocutores cuja função era ouvir calados. “Em *O espelho* [conto publicado na mesma coletânea na qual entrou *O alienista*], Jacobina chegou a afirmar sua aversão por discussões. Para contar seu ‘caso’, exigia silêncio da parte de seus companheiros. [...] Com a anulação do outro, tais diálogos se aproximavam em grande medida de outra fórmula narrativa explorada por Machado de Assis, em *Papéis avulsos*, e cara aos doutos da ciência: a conferência”.

Janaína Quitério

CIÊNCIA NO TEATRO

TEMA CIENTÍFICO SERVE DE CONTEXTO PARA PEÇAS E ATRAI PÚBLICO LEIGO

Divulgar ciências por meio de diferentes linguagens e despertar a curiosidade do público para temas muitas vezes complexos é um desafio bastante atual. Cinema e literatura há muito trabalham bem com a ficção científica mas a experiência no ambiente do teatro é uma novidade bastante recente no Brasil. Nesse espaço cênico a relação entre ciência e arte é explorada de maneira que as duas culturas possam conferir uma à outra conteúdos, metodologias e linguagens na construção de um processo pedagógico inovador. Projetos que utilizam a linguagem teatral em ensino-aprendizagem cativam estudantes não apenas no campo da educação, mas ampliando seu senso crítico e o exercício da cidadania. Com o objetivo de aprofundar essa questão, foi realizado neste segundo semestre, em São Carlos, no interior paulista, o Workshop Divulgação Científica e Arte da UFSCar. Da parte teatral, merece destaque o projeto do Núcleo Arte e Ciência no Palco, que durante todo o ano está se apresentando na capital paulista com amplo repertório de montagens cujos motes são feitos e biografias de cientistas.

Em diversos museus do país muitas